

Agenda Econômica

Captação da poupança em julho-BACEN

Monitor da Inflação Oficial-FGV

Diário Econômico

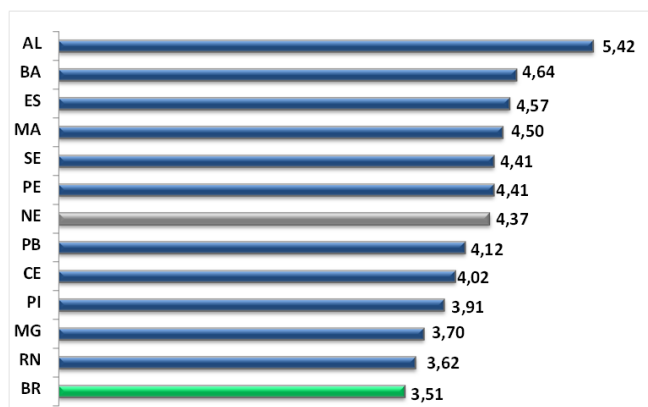
 ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS
ECONÔMICOS DO NORDESTE

ETENE

Inadimplência apresentou pequena redução no Nordeste em junho

Conforme o Banco Central (BACEN), a **taxa de inadimplência**, após atingir 3,76% em maio último, maior taxa da série histórica iniciada em março de 2011, registrou 3,51% no final de junho, interrompendo 5 meses seguidos de alta para esta variável de crédito.

Gráfico 1 – Inadimplência – Brasil, Nordeste e estados selecionados – Junho de 2016



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do BACEN.

A inadimplência do **Nordeste**, seguindo a mesma trajetória em nível nacional, apresentou leve redução, na medida em que registrou 4,37% em junho de 2016, ante 4,62% no mês anterior. Observa-se que todos os estados do Nordeste apresentaram inadimplência superior em comparação com a média do Brasil, gerando um indicador regional acima da média nacional. Os estados do **Espírito Santo** e **Minas Gerais**, que compõem a área de atuação do Banco do Nordeste, registraram inadimplência de 4,57% e 3,70%, respectivamente.

Sob a ótica dos tipos de tomadores de crédito, a inadimplência no Nordeste registrada para a pessoa física (4,72%) foi superior ao observado para pessoa jurídica (3,85%), embora esta última venha apresentando maior aceleração ao longo dos últimos períodos.

A inadimplência representa a proporção do valor monetário das operações vencidas há mais de 90 dias em relação ao total de crédito desembolsado.

Índice de commodities registra queda em julho

O **Índice de Commodities (IC-Br)** calculado pelo Banco Central (BACEN) recuou em julho (5,71%), correspondendo a maior queda mensal desde maio de 2011 (Tabela 2).

Em 2016, o IC-Br registra queda de 10,07%, enquanto que em doze meses apresentou pequena alta de 0,33%.

O IC-Br de commodities agropecuárias, composto por carne de boi, carne de porco, algodão, óleo de soja, trigo, açúcar, milho, café e arroz, recuou 6,84% em julho. No ano, a queda é de 12,37%, mas em 12 meses o índice aumenta 0,38%.

Por outro lado, ocorreu alta no índice das commodities metálicas, formado por alumínio, minério de ferro, cobre, estanho, zinco, chumbo e níquel, tendo avançado 0,88% em julho. Em 2016 ocorre queda de 0,54%, porém verifica-se uma valorização de 5,93% em 12 meses.

O índice de commodities energéticas (petróleo Brent, gás natural e carvão) mostrou queda de 7,57% em ju-

lho. No ano, ocorre desvalorização de 7,23%, e baixa de 10,21% em 12 meses.

O IC-Br é construído a partir dos preços de um conjunto de commodities agrícolas, metálicas e energéticas. Portanto, é formado por um grupo de matérias-primas que são vitais para a economia brasileira, tendo inclusive importante participação no comércio exterior do País, além de influenciar os índices de preços nacionais.

Tabela 2— Índice de commodities—IC-Br

Período	IC-Br	Agropecuária	Metal	Energia
% Mês	(-5,71)	(-6,84)	0,88	(-7,57)
% Trimestre	(-4,32)	(-4,49)	(-3,20)	(-5,08)
% Acum. Ano	(-10,07)	(-12,37)	(-0,54)	(-7,23)
% 12 Meses	0,33	0,38	5,93	(-10,21)

Fonte: BNB/ETENE, com dados do BACEN.

Indicadores da indústria brasileira reagem, mas setor ainda enfrenta problemas

Apesar da reação de alguns importantes **indicadores industriais** (faturamento real, horas trabalhadas e utilização da capacidade instalada) para o mês de junho em relação a maio, estes ainda mostram expressivas reduções quando comparados ao desempenho do ano anterior.

De acordo com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), após três meses de recuo, a elevação mais significativa ocorreu para o faturamento real da indústria de transformação (2,0% em junho em relação ao mês anterior). Contudo, quando se compara com junho do ano passado, apresenta queda de 8,2% e de 11,5% para o primeiro semestre, em relação ao mesmo período de 2015. Houve também leve aumento no total de horas trabalhadas na produção, na passagem de maio para junho deste ano (0,2%), mas ainda representando forte queda quando confrontado com os resultados dos mesmos períodos do ano passado (-7,7% para o mês de junho e -9,6% para o primeiro semestre).

Por outro lado, em junho frente a maio, o emprego industrial (-0,6%) e a massa salarial real (-0,6%) seguiram a trajetória de retração, assim como em comparação a iguais períodos do ano anterior. O rendimento médio real ficou estável, mas segue abaixo do observado em 2015 (Tabela 1).

O conjunto destes indicadores revela que o ciclo recessivo se mantém na indústria, pois as leves reações ainda não podem ser interpretadas como uma reversão do quadro de retração que se agravou desde 2015. Existe, porém, a expectativa de que represente um arrefecimento no ritmo de deterioração conforme revelam a melhoria nos índices de confiança empresarial do setor, divulgados pela CNI e Fundação Getúlio Vargas (FGV).

É importante registrar ainda que a ociosidade na indústria brasileira deve bater novo recorde neste ano. Em 2016, a utilização da capacidade instalada (UCI) permanece baixa, inferior à observada em 2015. No ano passado, a UCI foi de 66%, a mais baixa média anual registrada desde 2001, quando a CNI começou a pesquisar referido indicador. Isso significa que 34%, ou mais de um terço, das máquinas, equipamentos e instalações da indústria ficaram parados.

A elevada ociosidade é consequência da queda na demanda a partir do final de 2013. O ajuste da produção à demanda começou nas indústrias que produzem bens de consumo duráveis, a exemplo de automóveis e caminhões. No setor de veículos automotores, a utilização da capacidade instalada no ano passado foi 15 pontos percentuais inferior à média registrada entre 2011 e 2014.

Em seguida, a retração atingiu segmentos que fornecem insumos para a indústria de transformação, como metalurgia e borracha. Em 2015, a utilização da capacidade instalada no setor de metalurgia e produtos de metal ficou 10 pontos per-

centuais abaixo da média de 2011-2014.

Em 2015 e 2016, a ociosidade aumentou no segmento de bens de consumo não duráveis, como alimentos, vestuário e material de limpeza. Em setores como vestuários e couros e artefatos, a utilização média da capacidade instalada caiu 7 pontos percentuais em 2015 na comparação com a média de 2011-2014, conforme revelam os dados da CNI.

É importante ressaltar que a alta ociosidade do parque industrial gera desemprego além de comprometer as condições financeiras das empresas, porque a manutenção de máquinas e equipamentos, mesmo parados, geram custos fixos, que independem do número de bens produzidos.

Registre-se que a indústria é um setor essencial e estratégico para a dinâmica da economia do Brasil e do Nordeste, sendo caracterizada por um nível mais elevado de encadeamentos para frente e para trás em relação aos demais setores (agropecuária e serviços). Adicionalmente, as externalidades positivas e os efeitos de transbordamentos, a exemplo da inovação tecnológica, tendem a ser mais relevantes naquele setor.

No Brasil, os problemas da indústria são conjunturais, associados a retração da demanda, conforme relatado anteriormente, além de questões estruturais. Assim, o fortalecimento da indústria brasileira passa pela necessidade de uma política setorial, incentivando a inovação, a exportação e os investimentos que conduzem a elevação da produtividade, além de uma taxa de juros moderada e de um câmbio competitivo. A melhoria da infraestrutura física e inversões em qualificação profissional constituem-se em outros fatores cruciais para fortalecer a indústria nacional.

Tabela 1 - Indicadores da Indústria de Transformação - Junho de 2016- Em %

Indicador	Jun 2016/ Mai 2016	Jun 2016/ Jun 2015	Jan-Jun 2016/ Jan-Jun 2015
Faturamento real	2,0	(-8,2)	(-11,5)
Horas trabalhadas	0,2	(-7,7)	(-9,6)
Emprego	(-0,6)	(-8,3)	(-9,1)
Massa salarial real	(-0,6)	(-8,9)	(-9,9)
Rendimento médio	0,0	(-0,6)	(-0,8)

Fonte: BNB/ETENE com dados do CNI.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Gerentes Executivos: Airton Saboya Valente Junior, Leonardo Dias Lima, Luciano Jany Feijão Ximenes e Marcos Falcão Gonçalves. Equipe Técnica: Allisson David de Oliveira Martins, Antônio Ricardo de Norões Vidal, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Jackson Dantas Coêlho, Laura Lúcia Ramos Freire, Liliâne Cordeiro Barroso, Luiz Fernando Gonçalves Viana e Wellington Santos Damasceno. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Projeto Gráfico: Ronildo Sampaio Cardoso. Diagramação: Gustavo Bezerra Carvalho. Estagiária: Francisca Crísia Diniz Alves. Jovens Aprendizizes: Anderson Acioly da Silva e Lucas Sousa dos Santos.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Deste modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias desde que seja citada a fonte.